



COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

DORIAN ELECTRA, MONTAÇÕES E MASCULINIDADES OUTRAS

Dorian Electra, the act of dragging, and other masculinities

Rodrigues Junior, Paulo de Oliveira; Mestre; Universidade Federal de Juiz de Fora,
paulo.orjr@gmail.com¹

Resumo: O trabalho analisa as aparências de Dorian Electra, cantore gênero fluído, que, a partir das montações *drag kings* que parodiam masculinidades co-habitantes, revelando o caráter performativo do gênero. Elencando os videoclipes *Clitopia*, *Career Boy*, *Flamboyant* e *Ram It Down*, observa-se a construção visual que Dorian Electra propõe nas representações hiperbólicas das identidades de gênero e sexuais por meio da moda.

Palavras chave: Moda; gênero fluído; masculinidades.


Abstract: This work analyzes the appearances of Dorian Electra, a genderfluid singer, that, through drag king performances, parodies co-inhabitant masculinities, revealing the performativity of the gender. Listing the video clips *Clitopia*, *Career Boy*, *Flamboyant*, and *Ram It Down*, it is possible to observe a visual construction that Dorian Electra offers in the hyperbolic representations of gender and sexual identities through fashion.

Keywords: Fashion; genderfluid; masculinities.

Introdução

Nasce em 1992, nos Estados Unidos, Dorian Electra vive em Los Angeles e se identifica como gênero fluído – portanto, é a partir de pronomes neutros (elu/delu) que trataremos Dorian. De difícil categorização, as músicas e videoclipes de Dorian Electra transparecem tudo aquilo que elu propõe: cabelos coloridos, roupas cintilantes combinadas com elementos de rock e da aristocracia francesa do século XVII; do angelical, sexy e doce da feminilidade burguesa pornográfica à masculinidade adorada por homens cis heterossexuais branco, sem deixar de lado as masculinidades minoritárias, as quais se tornam

¹ Mestre e Doutorande em Artes, Cultura e Linguagens pela UFJF. Graduada em Moda (2020) e no Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design pela mesma instituição.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


a outra face do homem dominante, que as transformou em restos rejeitados (HALBERSTAM, 1998, p. 1).

Sua aparição tornou-se mais recorrente na internet em 2016, com seu videoclipe *Clitopia* cuja questão central é narrar o prazer sexual de pessoas com clitóris (e no clipe em específico, as mulheres cis) numa breve perspectiva histórica a partir de uma performance *drag king/drag queen*, de modo a hiperbolizar os gêneros masculinos e femininos pela paródia. O plural para masculinos e femininos não é à toa, Dorian Electra apropria-se tanto de modelos dominantes como dos dissidentes de gênero, co-habitantes na nossa sociedade. E é por aí que podemos trilhar a própria crítica à história da moda, que em grande parte não abarca modos de vestir marginais na narrativa oficial, contando apenas sobre a hétero e cisnormatividade, nas classes dominantes e na branquitude (CRANE, 2006).

À *Noisey*, no início da pandemia de 2020, Dorian Electra responde sobre o que a moda significava para ela, sua resposta foi que a moda é capaz de transformar partes da sua identidade por meio do que estou vestindo no espectro do masculino ao feminino. Elizabeth Wilson (1985) já propunha esta possibilidade da moda de jogar com as aparências binárias, as descaracterizando como intrínsecas:

A moda moderna 'brinca' permanentemente com a distinção entre masculinidade e feminilidade. Através da moda, expressamos as nossas ideias inconstantes em relação à masculinidade e à feminilidade. A moda deixa-nos brincar com o travestismo precisamente para o esvaziar de todo o seu perigo e poder. (WILSON, 1985, p. 165)

Deste modo, se o gênero é um efeito inscrito ao corpo por meio da repetição de atos, gestos e signos, do âmbito cultural num quadro regulatório altamente rígido, como aponta Judith Butler (2013), qual o papel do vestuário e da aparência de Dorian Electra na tentativa de desafiar e subverter as estruturas de poder existentes? Ainda, em consonância com Jack Halberstam, como estas masculinidades e feminilidades parodiadas não se encontram necessariamente como somente uma cópia, mas fazem parte de uma construção das lesbianidades, transgeneridades e não-binariedades na proposição de outras formas de habitar o gênero?





16º

COLÓQUIO
DE MODA


EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Selecionando quatro videoclipes numa ordem cronologia, *Clitopia* (2016), *Career Boy* (2019), *Flamboyant* (2019) e *Ram It Down* (2020), buscamos observar a construção visual que Dorian Electra propusera nas representações hiperbólicas das identidades de gênero e sexuais por meio das roupas, da maquiagem, das poses e da voz, demonstrando a importância de trazer modos outros de se vestir, principalmente das letras LGBTQ da comunidade LGBTQ+, que ainda se mostram invisíveis nos estudos em moda, sobretudo dentro daquilo que se compreende como masculinidades femininas.

Emprestamos o termo “montação” do dialeto das travestis e bichas para entender como a montagem *drag king/drag queen* de Dorian Electra montaram, literalmente, as peças do jogo das masculinidades e feminilidades no intuito de se projetar enquanto imagem. Ao se apropriar de aparências tão dispersas no tempo e no espaço como elu faz, é preciso tomar um certo cuidado, uma vez que os signos, os símbolos e as personagens encontradas em sua produção artística rondam o imaginário social e estabelecem direções possíveis num vai-e-volta, como alerta W. J. T. Mitchell (2009), e não necessariamente possuem os mesmos significados quando foram criadas e depois reproduzidas, contaminando-se com outros significados. Nessa direção, apoiamo-nos na ideia do rompimento das imagens como detentoras de um sentido único, absoluto e essencial, assim como propõe Dorian Electra. Porém, buscamos entender as imagens – aqui imagens em movimento como são os videoclipes – de uma forma que nos possibilite compreender a produção de seus sentidos na reconstrução de práticas culturais nos termos de recepção, de invenção e de luta política por estas representações que diferem em relação a apropriações (RAINHO, 2014).

Emergindo masculinidades outras

Historicamente, o século XIX foi marcado pela tentativa de uma série de discursos em construir existências binárias que tomavam o homem cisgênero branco burguês como universal, enquanto aquelas pessoas que fugissem a sua igualdade eram consideradas outras. Consequentemente, a ideia da homossexualidade *versus* heterossexualidade, o branco *versus* o não branco, a transexualidade, etc. imperavam o modo de se interpretar o mundo, inferiorizando e patologizando existências “minoritárias” (pessoas negras, indígenas, asiáticas, homossexuais, transexuais, mulheres cis, etc.). Na moda não foi diferente,





16º

COLÓQUIO
DE MODA


EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

tornando-se uma superfície onde se encontrava os efeitos destes discursos em plena ação: os homens cisgêneros atrelados aos ideais protestantes e burgueses abriram mão da moda e do vestuário faustoso da aristocracia, conhecido como “a renúncia masculina”, por cores mais sólidas e pela uniformização, deixando a moda como um assunto feminino, então, subalternizado (FLÜGEL, 1996).

Gilda de Mello e Souza (1993) apresenta indícios que não foi bem assim pois, os homens cisgêneros detinham sua vaidade deslocada para os adereços e para o rosto, mais especificamente barbas e bigodes. Isso já nos revela a artificialidade do gênero, da universalidade e neutralidade que a masculinidade dominante impunha a partir dos seus aparatos discursivos, uma vez que, de fato, ser homem cisgênero, burguês e heterossexual também precisavam seguir a cartilha e nada tinha de intrínseco.

Nesse sentido, pensando o século XIX e a moda dominante burguesa e heterossexual, figuras dissidentes surgiram como contraposição a estes modelos hegemônicos, mas que foram usurpados pela narrativa da masculinidade dominante que apontava como não deveria ser o homem daquele tempo/espço. Se o gênero é protético, a masculinidade não é biológica, mas sim feita a partir dos recursos que a faz, seja a roupa, os acessórios, a maquiagem (ou a falta de), o cabelo, o comportamento, os bens materiais e simbólicos. Na história, o heroísmo pensado nos corpos masculinos com pênis na história não se localiza fora de uma relação de poder; portanto, fora dessa localização, estes corpos são apenas corpos. Dessa forma, a partir das lacunas existentes acerca de trabalhos sobre grupos dissidentes na moda no que tange masculinidades femininas ou dissidentes, é possível perceber uma fissura de Dorian Electra e de outros sujeitos, atacando os regimes dominantes de gênero por meio da arte e da performance, seja por meio do *drag king*, dos papéis teatrais *butch/sapatão*, como também da não-binariedade enquanto proposição de desidentificação às normativas de gênero (HALBERSTAM, 1998, p. 30).

Embora foquemos aqui em Dorian Electra, evidenciamos que tais existências não-binárias e/ou trans existem e resistem na criação e contestação de modelos únicos de vida. Na história do ocidente, ainda que as héteros e cisnormatividades tentem apagar, o fazer *drag king* e todas as suas reverberações existiram. Leslie Feinburg (1997) aponta Gladys





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


Bentley, no início do século XX, como uma pessoa lésbica transgênero, que após episódios de violência estrutural e médica, precisou abrir mão de sua identidade para se adequar ao padrão heterossexual e cisgênero.

Desde os anos de 1990, observamos na esfera do entretenimento e da cultura de massa o aparecimento das *drag queens*, que, pela arte do transformismo, deslocam-se do gênero masculino – muitas vezes designadas como tal ao nascer – para o feminino. RuPaul na música e o filme “Priscilla, rainha do deserto” (1994), de Stephan Elliot, exemplificam como nesta referida década, as *drag queens* saem de espaços LGBTQ+ marginalizados e começam a aparecer nas telas midiáticas (nos filmes nem sempre protagonizadas por pessoas LGBTQ+). Enquanto temos cada vez mais a arte *drag queen* pulverizada no mundo do entretenimento, temos também um longo em relação às pesquisas no campo da moda de corpos designados femininos ao nascer (mulheres cis, sapatões, homens trans, transmasculines, não-binários) que tomam a masculinidade para si, parodiando-a, desnaturalizando-a e reinventando-a por meio da arte da performance *drag king*.

O dândi flamboyant

Uma das figuras mais emblemáticas no contexto ocidental e branco foi Oscar Wilde. Criminalizado pelo crime de sodomia, sendo identificado como homossexual – algo novo para época, já que a identidade ultrapassa a ideia de relações sexuais e afetivas, como aponta Michel Foucault (1977) –, o artista se tornou um símbolo homossexual. Embora não seja nosso objetivo retratar Wilde, vale ressaltar o modo em que aparecia em suas fotografias, sobretudo as que repousaram no imaginário social sobre ele: cabelos compridos, meias até o joelho abotoadas às calças que remontam o auge da aristocracia entre os séculos XVII e XVIII, o cravo verde que denotava a homossexualidade e seus escritos também transpareciam o desejo homossexual, como a obra *O retrato de Dorian Grey*, publicado em 1890, acusado de ataque à moral pública.

As referências a Dorian Grey iniciam-se já pelo próprio nome: Dorian Electra, aludindo ao romance de Wilde. No videoclipe *Flamboyant*, foi possível observar alguns diálogos entre Wilde e Electra. Com castiçais flamejantes, deitada num felpudo tapete





16º


COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

claro, de roupão cintilante, Dorian Electra incorpora o dândi ostentando uma masculinidade outra, que foge dos padrões dominantes do ser homem do século XIX e até mesmo no decorrer do século XX e XXI. Não há como fugir da figura do escritor irlandês Oscar Wilde, que desafiou a partir do seu vestuário o que o homem daquele momento deveria utilizar. Não é à toa que Dorian inicia o videoclipe remetendo a uma das fotografias icônicas de Wilde: está relaxado num sofá com um livro nas mãos, num amontoado de tapetes e uma poltrona peluda, com um vestuário dissonante a sua época, lembrando o modo de se vestir aristocrático, quase uma homenagem ao quadro de Madame Pompadour, de François Boucher.

Num outro momento, em frente ao espelho num cenário cheio de elementos clássicos, Dorian Electra canta, e sua imagem é reproduzida numa aproximação ao narcisismo que envolve a própria narrativa de Dorian Grey, com seu hedonismo, mas, também, com o pacto narcisístico masculino, heterossexual e branco, que só consegue se enxergar enquanto beleza. Quando retratado pelo espelho, Dorian Grey e Dorian Electra contracenam num cenário onde o branco clássico dialoga com uma estética aristocrática, de fuga ao campo, uma vez que o romantismo inspirou membros da corte a sonharem com a volta à simplicidade, à liberdade, como o pássaro fora da gaiola que ele traz, mas que não aconteceu. A roupa em si não corresponde à época retratada, tanto o século XIX como os anteriores, mas nos mostra como a tradução destes modos de viver acabaram por ser afastados daquilo que deveríamos seguir enquanto masculinidade burguesa, afinal, ela que assumiu os meios de materialidade e subjetividade do capitalismo.

Este dandismo e uma sensibilidade *camp* norteiam as aparências de Dorian Electra em seus trabalhos. Dorian Grey e sua atmosfera gótica e aristocrática decadente são atualizadas em bandas de rock mais ou menos recentes referenciadas por Dorian Electra, como um de seus ídolos, o cantor Alice Cooper, que é uma miscelânea de referências de terror, góticas, pornográficas e andrógina, seja na roupa como no cabelo e maquiagem, e, como relata Dorian Electra, o rosto é um dos seus principais artifícios artísticos.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


Outra masculinidade fora dos padrões que elu pontua como inspiração é o pianista estadunidense Liberace, apelidado de Sr. *Showmanship* devido a suas aparências extravagantes. O cenário dos clipes de Dorian Electra, em específico *Flamboyant*, utiliza itens que encontramos nas fotografias de Liberace: castiçais, piano, uma decoração baseada no excesso, num imaginário rococó. O *mis-en-scene* é completado com o vestuário escolhido por Dorian Electra: o roupão cintilante, que tem mais a ver com Liberace nos aspectos materiais do que com a idealização wildiana; o grande número de anéis nos dedos tocando o piano, uma marca de Liberace; as roupas extremamente cheias de aplicações de brilho e os casacos de pele que Dorian Electra revisita do guarda-roupa de Liberace. Desde a década de 1950, a sexualidade de Liberace era questionada nas mídias do entretenimento, uma vez que não correspondia às heteronormas. Em 1987, ele morreu devido a complicações da AIDS.

Por fim, alguns vestígios tanto do vestuário como da decoração remetem a Luís XIV e à vida aristocrática. O próprio punho de rendas que elu toca entre planos, além do diálogo com Liberace, não passa de uma reatualização das aparências francesas do século XVII e XVIII. No clipe *Ram It Down*, tais elementos tornam-se visíveis para além dos detalhes e tomam outras partes da montagem.

Rejeitar Narciso

A psicanálise não é um tema periférico dentro das narrativas de Dorian Electra. O nome “Electra” traz consigo um dos complexos discutidos dentro do campo psicanalítico, que é o complexo de Electra, consistindo numa teoria em que a menina possui uma relação de ambivalência com a mãe, enquanto nutre afetos com o pai. O termo foi cunhado por Carl Jung em referência ao complexo de Édipo feminino desenvolvido por Sigmund Freud. No que tange ao pacto narcísico², podemos observar como Dorian Electra combina tanto a ideia de mitos da psicanálise como a própria branquidade (embora elu seja branque) e o ideal de masculinidade, que imperam nesta

² Pacto narcísico é um conceito proposto pela pesquisadora Maria Aparecida da Silva Bento.





16º

COLÓQUIO
DE MODA


EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

atmosfera no videoclipe *Clitopia*, lembrando, também, que aqui mulheres, escravos e estrangeiros não eram considerados pessoas de direito na Grécia Antiga.

Parodiando uma masculinidade que indica força e poder, Dorian Electra satura e debocha com seu próprio corpo magro o ideal de corpo masculino musculoso, pintando-se também de branco, realçando ainda mais os padrões eurocêntricos do que seria belo. Para além de recursos e artefatos estéticos, outros elementos são necessários na composição *drag king*, como a postura do corpo, os signos gestuais, referenciando elementos que são considerados do universo masculino hegemônico. Como vemos na sua produção imagética, Dorian busca incorporar de maneira caricata este “ser homem”.

Como dito, na Grécia Antiga, pessoas com clitóris – e, aqui, as mulheres – eram consideradas inferiores, não cabendo na categoria “homem”, isto é, um sujeito de direitos e afetos. Vale ressaltar que o amor grego era celebrado somente entre homens – o que não podemos aqui erroneamente qualificar como homossexualidade, visto que essa denominação somente aparece no século XIX –, cabendo às mulheres a reprodução e o ambiente privado, sem qualquer garantia do público e da vida política na polis. Na letra de *Clitopia*, o trecho *in the days of old man's form on pedestals, but girls, less than ideal, we were not taught to feel*, Dorian Electra dialoga com a ideia de uma hegemonia masculina no que diz respeito ao ditar os ideais de prazer, excluindo/diminuindo o corpo feminino. A partir dos gestos, ele performa ações concebidas como masculinas e femininas, satirizando os gêneros.

Freud e suas teorias psicanalíticas também não passam despercebido nas paródias de Dorian Electra em *Clitopia*. Já tomando o caminho oposto, o videoclipe hiperboliza e infantiliza a feminilidade branca heterossexual burguesa, mas, também, o próprio lugar da mulher na história colocado por Freud, como uma invejosa do falo e que por muitos anos foi tomado como um destino e não somente uma estrutura. Ele veste-se como uma menininha birrenta, com uma grande chupeta na boca, cheia de laçarotes rosas, chamando Freud para uma conversa. Na história, após as pesquisas freudianas serem publicadas, um furor tomou as décadas seguintes e isso também motivou a própria binarização de roupas infantis que, anteriormente, não existiam





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021


grandes distinções. Era preciso, então, afastar a homossexualidade logo pelas vestimentas das crianças a criança se vestia. Desse modo, é interessante pensar como a moda, que ao mesmo tempo que se torna uma tecnologia de gênero a fim de normalizar as aparências dentro de uma sociedade binária, pode ser olhada como um instrumento que é tomado como contestação, aproximando-se ao que Foucault propusera sobre as resistências que se fazem na e pela norma (ORTEGA, 1999).

Novas masculinidades, velhos homens

As performances de Dorian Electra não buscam apenas o passado longínquo para compor suas masculinidades. Em *Career Boy*, ele volta à década de 1980 para visitar os *yuppies*, os jovens profissionais urbanos, que num contexto das políticas econômicas de Margareth Thatcher e Ronald Reagan, acabam por ser tomados por um espírito mais individualista e material, acompanhando, por exemplo, as últimas modas.

Num ambiente corporativo do mundo dos negócios, em que homens brancos cisgêneros são a maioria (corporativismo?), Dorian Electra aparece de terno bem cortado, cabelos penteados e trabalhando em excesso. A ética protestante molda a masculinidade dominante que, desde o século XIX, diz que o homem deve ter sua importância marcada pela sua posição social no trabalho, reiterada pela política de austeridade inglesa e estadunidense junto ao *rat race*. Abrindo mão dos desejos, este homem recorre ao café, seu estimulante diário, para seguir em frente no capitalismo patriarcal e produzir cada vez mais. Dorian Electra não investe somente no vestuário masculino, mas nos acessórios, como o relógio (tempo é dinheiro), e nos gestos que produzem o homem cis branco, tanto em relação à violência quanto àqueles estampados em propagandas masculinas numa tentativa de sensualizar espectadoras e espectadores a comprar a ideia. As correntes que amarram o homem a esta masculinidade são retratadas pela letra, mas em sua montagem seguinte, de correntes BDSM amarradas a gavetas de metal, um cenário tipicamente executivo, Dorian parece questionar: este é o prazer do homem contemporâneo?

Em *Ram It Down*, Dorian traz uma “nova” masculinidade que insiste na misoginia, no racismo e na LGBTfobia, que é a masculinidade nerd. Protagonistas de uma série de





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

críticas devido a falas preconceituosas sobre mulheres, LGBTQ+s e negres em jogos de videogame e em lançamentos de filmes nerd com protagonistas dissidentes, os nerds são parodiados criticamente pelas montações de Dorian Electra. Primeiramente, é interessante pontuar essa masculinidade enquanto farmacopornográfica³, nascida em uma rede virtual, de vigilância e onde as drogas e hormônios são utilizados não só enquanto signos de masculinidade, mas como consequência da ausência e ansiedade causada por não alcançar tais parâmetros, homens cisgêneros brancos e nerds usufruem de drogas para acalmar suas frustrações com a norma.


Dorian Electra, na sua principal montagem, justapõe masculinidades do século XVI ao XVIII, como de Luís XIV e Isaac Newton, com perucas extravagantes, o rufo e o bigode. Hoje essas imagens são consideradas afeminadas, um olhar burguês a estes homens. A música também faz uma sátira a uma *fake news* circulada na internet sobre como águas estavam sendo contaminadas e transformando os sapos em homossexuais, uma teoria da conspiração divulgada por Alex Jones. Dorian traz, então, o sapo para sua composição visual, em tom de deboche.

Acrescentamos, ainda, que os signos da masculinidade são transportados para o meio virtual que produzirá conjuntamente com o real (se há alguma distinção) um modo de compor o antídoto contra a masculinidade hegemônica. Fazendo chacota com os nerds, Dorian Electra igualmente abre para pensar como o mundo da internet e eletrônico vem reconstruindo as identidades de gênero, sexualidades e desejos.

Montando-se para os *closets* finais

Se o gênero é uma ficção, Dorian Electra quer recontar criticamente a história da masculinidade por meio de sua arte do transformismo, mas não só isso, quer também incorporá-la como uma existência outra, fora das verdades que colocam o homem branco cisgênero e heterossexual como universal e como uma categoria intrínseca. Jack Halberstam (1998) discutia que o *drag king* e a masculinidade feminina não eram apenas imitações da masculinidade dominante, eram modos de existir fora dessa hegemonia sufocante.

³ O conceito farmacopornográfico foi cunhado por Paul B. Preciado.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Entre as classificações que Halberstam propusera para entender a arte *drag king*, seria difícil categorizar Dorian Electra nas alternativas possíveis, pois ele consegue transitar e incorporar no seu cotidiano toda sua vivência não-binária de modo político, estético e ético. Seus diálogos com Donna Haraway (1991) fazem-se presentes num direcionamento à ruptura. As amálgamas entre máquina e organismo que formam o ciborgue, como podemos ver em *Ram It Down*, fundem-se entre a realidade social e a ficção, que não se solidifica num corpo material definido, mas em uma metáfora entre as fronteiras entre humano e animal, organismo e máquina, físico e virtual, que transitam fluidamente, sem distinção entre o natural e a tecnologia.

Dessa forma, Dorian Electra encontrou na moda e nas aparências um campo muito mais complexo do que a imitação, tomou-a como um suporte de manifestação política, de dissidência, de contestação, de recriação e disputa de narrativas textuais e imagéticas por meio da manifestação estética das experiências. Revisitando masculinidades passadas e presentes, ele vai alinhavando sua crítica à masculinidade hegemônica, definindo-a, bem como traz à tona as masculinidades negligenciadas pelos discursos dominantes da história da moda ocidental.

Referências

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**". 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Acesso em: 18-08-2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**. São Paulo: Senac, 2006.

FEINBERG, Leslie. **Transgender Warriors: Making History from Joan of Arc to RuPaul**. Boston: Editora Beacon, 1997

FLÜGEL, J.C. **A psicologia das roupas**. Tradução Antonio Ennes Cardoso. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

HALBERSTAM, Jack Judith. **Female masculinity**. Durham/Londres: Duke University Press, 1998.

HARAWAY, D. **Simians, Cyborgs, and Women**: The Reinvention of Nature. Londres, Free Association Books, 1991, p.164-5.

MELO ROCHA, R.; PORTUGAL, D. Como caçar (e ser caçado por) imagens: entrevista com W. J. T. Mitchell. **E-Compós**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2009. DOI: 10.30962/ec.376. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/376>. Acesso em: 12-08-2021.

NOISEY. Flamboyant Pop Star Dorian Electra Gets Dressed to Go Nowhere. Youtube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rF1TEHBUJ84&t=1s>. Acesso em: 06-06-2021.

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault**. São Paulo: Graal, 1999.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

RAINHO, M. C. T. **Moda e revolução nos anos 1960**. Rio de Janeiro: Contra-cap. 2014.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas**: a moda no século XIX, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

WILSON, Elisabeth. **Enfeitada de sonhos**. Lisboa, Edições 70, 1989.

